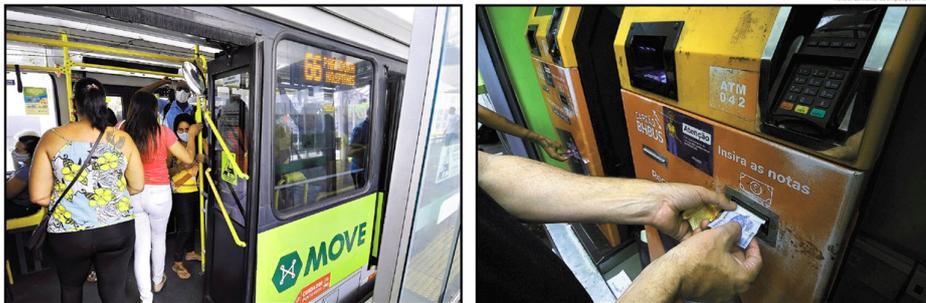


TRANSPORTE COLETIVO

Enquanto enfrentam atrasos e superlotação, passageiros ensaiam malabarismos para driblar peso de reajuste determinado pela Justiça, que pode elevar a tarifa principal a R\$ 5,85 em BH

Aperto nos ônibus e no bolso



Transporte público em BH está longe de satisfazer as expectativas dos passageiros, que além da perspectiva de aumento das passagens, enfrentam a greve do metrô. Prefeitura vai recorrer contra reajuste

BERNARDO ESTILAC & DENYS LACERDA\*

Atrasos, superlotação, desconforto, falta de veículos para completar a greve do metrô. Foi nesse cenário que os usuários de ônibus de Belo Horizonte receberam, na última terça-feira (5), a notícia de que a Justiça determinou o aumento das passagens dos coletivos, que podem subir até 30%. O Estado de Minas foi até as estações movimentadas da capital para entender como os usuários lidam com as dificuldades no transporte público e se organizam para lidar com uma eventual tarifa mais cara. A Prefeitura diz que vai recorrer para evitar o reajuste.

O aumento é um absurdo. Caro demais, gente. Não tem nem ônibus na linha. A gente fica esse tempo todo esperando ônibus. Se pelo menos pagasse um valor que justificasse, se houvesse mais ônibus na linha, se fosse mais rápido e a gente viajasse sentada. Aqui vou sentada porque pego o ônibus neste ponto, que é o primeiro do Centro, mas quando vou de manhã, todos os dias vou de pé, conta a cozinheira Cláudia Maria Borges, de 48 anos, usuária da linha 66 do Move.

A reação de Cláudia é semelhante às de vários outros usuários ouvidos pela reportagem na estação do Move na Rua Carliós, Centro de BH. Quem precisa circular pela capital se vê no meio de um embate que envolve a Prefeitura, a Câmara Municipal e as empresas de ônibus, pelo menos desde o fim de 2021.

As concessionárias do serviço de ônibus cobram reajuste tarifário anual previsto no contrato assinado com o Executivo. O aumento não é dado pela administração da cidade desde 2018, quando o valor principal da passagem chegou ao atual patamar, de R\$ 4,50.

Como forma de resolver a questão, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) propôs pagar um subsídio que cobriria o prejuízo das concessionárias com as gratuidades previstas em lei, como para idosos, funcionários dos Correios e pessoas com deficiência. Um Projeto de Lei que previa redução de R\$ 0,20 na passagem foi enviado à Câmara em fevereiro, mas não foi votado e se tornou motivo de atrito entre Executivo e Legislativo.

Recém-empossada, o prefeito Fuad Noman (PSI) reentrou o projeto à Câmara como seu primeiro ato à frente da administração municipal, em 29 de março. No entanto, antes que o PL fosse ao plenário para votação, uma decisão judicial deferiu pedido das empresas de ônibus e determinou que a passagem fosse reajustada. Nos cálculos das concessionárias, o valor deve chegar a R\$ 5,85.

Fiquei sabendo do aumento. Inclusive, acompanhei na estação um protesto dos usuários de transporte público. Apoio o protesto porque (o que se vê nos ônibus) é uma condição ruim para quem trabalha. Dá dó de quem dono de empresa esteja quebrado. Eles dizem que estão, mas a gente sabe que isso é mentira. Porque todo mundo aqui pagou o transporte à vista, tinham

queimado o dinheiro. Como que eles estão quebrados? Acho isso um absurdo, um desrespeito com o usuário do transporte público", protestou a secretária Débora Silva de Oliveira, de 40, a bordo de um Move completamente lotado na linha 51.

A primeira reação da prefeitura foi sinalizar que cumpriria a medida judicial e elevaria o valor da passagem dentro do prazo previsto. Na última quinta-feira, porém, após reunião com vereadores que formam um grupo de trabalho para avaliar a mobilidade urbana da capital, Fuad Noman declarou que vai recorrer da decisão.

Nesse contexto de indefinição, quem mora ou trabalha em BH e depende do transporte público já começa a fazer cálculos e a pensar em alternativas para minimizar os impactos no bolso da possível alta. Eliminar viagens do cotidiano é uma das opções na lista, mas não necessariamente uma solução contra prejuízos.

Marlon Ferreira, de 23, que vende balas na bilheteria do Move da Rua Carliós, está entre os passageiros que pensam em diminuir as viagens. "Se a passagem ficar mais cara, vai ser difícil até conseguir vender minhas balas. As vendas já diminuíram bastante. Estou pensando em vender lá no meu bairro mesmo, porque não tenho como vir todo dia para o Centro. Conocé quem vai repor minhas balas? Venhê lá do Santa Mônica, pego um ônibus no bairro e na estação pego outro. Além disso, a bala também está mais cara", contabiliza o vendedor.

OFERTA REDUZIDA No momento em que se planejam para driblar, se possível, o impacto da alta das passagens autorizada pela Justiça, os passageiros seguem enfrentando oferta reduzida de veículos nos deslocamentos. O quadro de horários dos ônibus em Belo Horizonte já deveria ter sido normalizado desde o fim de 2021, quando o regime especial aplicado durante a pandemia foi revogado. No entanto, o ponto comum na reclamação dos usuários que as viagens estão reduzidas e ocorrem fora dos horários previstos.

Dados da BH Trans atualizados até 25 de março mostram que o número de viagens realizadas durante todo o mês passado não superou os 70% do total observado antes da pandemia. Considerando o volume desde o início de 2022, a taxa média de viagens calculada entre as 359 linhas que circulam na capital permaneceu abaixo dos 80% em relação ao período pré-pandêmico.

Por outro lado, o número de passageiros ultrapassou a marca de 70% da demanda média de um dia útil pré-pandemia em todos os dias entre 3 e 25 de março. Os dados sinalizam um desconhecimento: o número de usuários tem se aproximado do que era antes da crise sanitária, mas as viagens não acompanham esse crescimento.

GREVE NO METRÔ Para completar o cenário caótico do transporte em Belo Horizonte, desde 21 de março o metrô da capital não circula em

horários de pico. Em protesto contra o processo de privatização do serviço, os metrôvários entraram em greve e estão trabalhando em escala reduzida, apenas entre as 8h e 10h e as 17h.

A falta do metrô no momento em que as pessoas se deslocam para chegar e sair do trabalho sobrecarrega ainda mais os ônibus e é percebida pelos usuários. É o caso de Michele César, de 36, que usa o Move, acompanhada da filha, antes das 10h. "Os horários não estão sendo cumpridos e estamos sofrendo com a superlotação. Agora então está mais cheio, por causa da greve do metrô. É complicado depender do transporte público, o aumento da passagem não se justifica", afirma.

Enquanto alguns usuários do metrô desistem dos trens e se espremem em ônibus para não perder o horário do trabalho, há também os que precisam mudar o cronograma para para conseguir manter o uso do serviço. É o caso do vigilante Marcus Vinícius Gomes. "Uso muito o metrô, a greve mudou meu horário. Deixei de sair mais cedo de casa e isso me atrapalha na programação do dia. O ônibus também acaba ficando superlotado. Estou desempregado e se a passagem do ônibus aumentar, já coloquei na ponta da caneta, vou ter que pensar se vou para um lugar ou outro", comenta.

\*Estágio sob supervisão do subeditor Rachel Bolelho



Para Cláudia Maria, há um descompasso entre o valor pago e a qualidade do transporte oferecido no capital



Michele César tem com a passagem dela e da filha e reclama do aumento: "Não justifica"



O vigilante Marcus Vinícius já se prepara para reduzir a movimentação na cidade e evitar gastos



Marlon Ferreira, que vende balas no Centro, pensa em limitar a atividade ao próprio bairro



Débora posou para foto após descer do ônibus: no veículo lotado a reportagem não conseguiu usar a câmera

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Gerais **Página:** 9